GRÁFICO DOS NOMES: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTATÍSTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Clara Costa de Freitas[1]; Karem de Costa Freitas[2]; Mirella Lopes Teixeira[3]; Carla Vanessa Magalhães de Sousa[4]; Larissa Elfisia de Lima Santana[5]

[1]Universidade Estadual do Ceará, Itapipoca, Ceará, Brasil, clarinha.freitas@aluno.uece.br
[2]Universidade Estadual do Ceará, Itapipoca, Ceará, Brasil, karem.freitas@aluno.uece.br
[3]Universidade Estadual do Ceará, Itapipoca, Ceará, Brasil, mirella.lopes@aluno.uece.br
[4]Universidade Estadual do Ceará, Itapipoca, Ceará, Brasil, caarla.vanessa@aluno.uece.br
[5]Universidade Estadual do Ceará, Itapipoca, Ceará, Brasil, larissa.santana@uece.br

Resumo
Este artigo analisa a experiência de aplicação da atividade Gráfico dos Nomes por quatro graduandas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), no contexto da disciplina Tópicos Especiais em Educação II. A atividade foi realizada em um Centro de Educação Infantil no município de Itapipoca, Ceará, com 80 crianças do Infantil IV e V, e consistiu na construção coletiva de um gráfico de barras a partir das letras dos primeiros nomes das crianças. O objetivo do estudo foi analisar a experiência de aplicação da atividade Gráfico dos Nomes a partir do olhar das graduandas, refletindo sobre como a observação das crianças gerou aprendizagens para a docência na Educação Infantil. Trata-se de um relato de experiência com base em observação participante, registros fotográficos e relatório reflexivo elaborado após a aplicação. Os resultados indicam que as crianças demonstraram engajamento, capacidade de reconhecimento das letras do próprio nome, contagem e comparação de quantidades. Para as graduandas, a experiência evidenciou a necessidade de planejamento flexível, a importância da adaptação diante de imprevistos e a viabilidade do trabalho com noções estatísticas na Educação Infantil. A vivência contribuiu para a articulação entre teoria e prática na formação docente inicial.

Palavras-chave: Estatística. Educação Infantil. Educação Matemática. Formação Inicial. Pedagogia.

Introdução

A formação inicial de professores constitui momento privilegiado para a articulação entre teoria e prática, especialmente quando os licenciandos tem a oportunidade de vivenciar aprendizagens situadas na prática. É no confronto entre o planejamento elaborado na universidade e sua execução no contexto escolar que emergem aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento profissional docente.

No âmbito da Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, as práticas pedagógicas organizam-se em torno de experiências que ampliam o repertório cognitivo, afetivo e cultural das crianças, tendo as interações e brincadeiras como eixos estruturantes

(Brasil, 2017). Nesse contexto, os conhecimentos matemáticos estão presentes desde muito cedo, em situações cotidianas que envolvem comparação, classificação, contagem e resolução de problemas.

Com essa compreensão, o trabalho com Estatística na Educação Infantil justifica-se pela presença constante de informação quantitativa no cotidiano das crianças que, desde a mais tenra idade, são expostas a dados provenientes de diferentes mídias e contextos sociais (Ciríaco; Santos, 2020). Logo, o trabalho com a Estatística é uma maneira de estimular a criança a desenvolver a capacidade de investigação, permitindo a organização, interpretação, comparação e coleta de dados com assuntos do seu cotidiano.

Embora a elaboração formal de conceitos estatísticos esteja prevista para etapas posteriores da escolarização, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece que as crianças da Educação Infantil frequentemente se deparam com informações matemáticas e necessitam investigar, explorar e levantar hipóteses para buscar respostas às suas curiosidades (Brasil, 2017). Nessa direção, Lopes (2012) defende que qualquer concepção de Educação Infantil que respeite o contexto cultural e o desenvolvimento integral da criança deve abordar estatística e probabilidade por meio de jogos, brincadeiras e representações diversas.

Foi nesse contexto que se desenvolveu a experiência aqui relatada. No âmbito da disciplina Tópicos Especiais em Educação II, do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi proposta a organização de um evento intitulado Dia da Brincadeira Matemática. Para esse evento, equipes de graduandos deveriam elaborar e aplicar atividades matemáticas com crianças do Infantil IV e V de um Centro de Educação Infantil do município.

A equipe responsável pelo campo de dados propôs a atividade Gráfico dos Nomes, que consistiu na construção coletiva de um gráfico de barras a partir das letras do primeiro nome de cada criança. A proposta articulou noções de coleta, organização e interpretação de dados com o processo de reconhecimento das letras e a construção da identidade, considerando que o nome próprio é elemento significativo para as crianças dessa faixa etária.

Este estudo tem como objetivo analisar a experiência de aplicação da atividade Gráfico dos Nomes, identificando o que as graduandas observaram nas crianças durante a realização da proposta e o que aprenderam sobre a docência na Educação Infantil. A análise centra-se na perspectiva das futuras professoras, tomando as observações sobre as crianças como ponto de partida para refletir sobre os desafios e as aprendizagens da prática docente.

Algumas considerações sobre Estatística e Educação Infantil

A Educação Estatística configura-se como campo de pesquisa e prática educativa voltado para o ensino e a aprendizagem de conceitos relacionados à coleta, organização, representação e interpretação de dados. Segundo Cazorla et al. (2017, p. 14), a Estatística, enquanto ciência, refere-se ao conjunto de ferramentas para obter, resumir e extrair informações relevantes de dados, encontrar e avaliar padrões, planejar levantamentos e comunicar resultados de pesquisas quantitativas.

O letramento estatístico, nessa perspectiva, envolve conhecimentos e processos necessários para que os indivíduos possam posicionar-se de forma consciente e crítica frente às informações a que são expostos em sua vida cotidiana (Gal, 2002). Tal letramento contempla tanto a capacidade de interpretar e avaliar informações estatísticas quanto a capacidade de discutir e comunicar reações relativas a essas informações.

No contexto da Educação Infantil, o trabalho com estatística assume características específicas, considerando que as crianças dessa etapa ainda não dominam a leitura e a escrita convencionais. Entretanto, conforme apontam Souza e Guimarães (2025), crianças que ainda não são leitoras já são capazes de ouvir, pensar, questionar e utilizar diferentes meios para se comunicar. Gráficos e tabelas, nessa perspectiva, podem ajudar a responder perguntas, contar histórias e construir significados de forma lúdica.

Lopes (2008) defende que conceitos probabilísticos e estatísticos façam parte da rotina escolar da criança desde os anos iniciais da Educação Básica, tendo em vista a compreensão mais ampla de questões que permeiam sua realidade social. Nessa mesma direção, a BNCC reconhece que todos os cidadãos precisam desenvolver habilidades para coletar, organizar, representar, interpretar e analisar dados em variados contextos, de modo a fazer julgamentos fundamentados e tomar decisões adequadas (Brasil, 2017).

Giordano et al. (2025) destacam que os educadores podem problematizar temas vinculados ao cotidiano social e cultural dos alunos, como animais de estimação, brinquedos, brincadeiras e jogos. Os autores recomendam trazer cenários para problematizar de forma lúdica temas da estatística, da contagem e da probabilidade, utilizando estes como conteúdo para a realização de pesquisas entre os alunos.

O nome próprio constitui elemento particularmente significativo para o trabalho com crianças da Educação Infantil. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação

Infantil (Brasil, 1998), escrever o nome próprio propicia à criança um repertório de letras que servirá de base para outras escritas. Além disso, o nome próprio permite que as crianças o reconheçam como primeiro indício de formação da identidade, compreendendo-o como elemento de diferenciação em relação a outros indivíduos (Silva, 2008).

Marques (2023) destaca que, para o trabalho com estatística junto a crianças, é necessário fazê-las participar de todo o processo de investigação, desde a elaboração de uma pergunta de pesquisa até a interpretação e análise dos dados para chegar a uma conclusão. Desse modo, as crianças vão além da execução de procedimentos técnicos e desenvolvem compreensão sobre o sentido da atividade estatística.

A partir desse referencial, compreende-se que a atividade Gráfico dos Nomes situa-se no âmbito da iniciação estatística, trabalhando noções elementares de coleta de dados (identificação das letras do nome), organização (disposição no gráfico) e interpretação (comparação entre quantidades de letras). Embora não se configure como letramento estatístico em sentido pleno, a atividade oferece às crianças uma primeira aproximação com a lógica de representação gráfica de informações, articulada a um elemento significativo de seu cotidiano.

Percurso Metodológico

Este estudo caracteriza-se como relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, centrado na análise de uma atividade de educação estatística desenvolvida com crianças da Educação Infantil. Considera-se o relato de experiência como expressão escrita de vivências capaz de contribuir com a construção de conhecimento, uma vez que, no contexto acadêmico, com apoio teórico-metodológico, pode ter dupla relevância: “para discentes - ao compreender fenômenos de possibilidades interventivas da área e amadurecer academicamente, e para os profissionais - ao ter acesso a propostas que podem contribuir na ação laboral” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p.71).

O foco da análise recai sobre a perspectiva das graduandas que planejaram e conduziram a atividade, tomando suas observações como material para reflexão sobre a formação docente inicial. A atividade foi realizada no dia 28 de novembro de 2025, em um Centro de Educação Infantil (CEI) do município de Itapipoca, Ceará, como parte do evento Dia da Brincadeira Matemática, organizado no âmbito da disciplina Tópicos Especiais em Educação II do curso de Pedagogia da FACEDI/UECE. Participaram 80 crianças, sendo aproximadamente metade do

Infantil IV (4 anos) e metade do Infantil V (5 anos). A atividade foi aplicada em dois turnos: das 7h30 às 8h40 para o Infantil IV e das 9h às 10h30 para o Infantil V.

A equipe responsável pela atividade foi composta por quatro graduandas, com funções assim distribuídas: uma integrante ficou responsável pela gestão do tempo e pelos registros fotográficos; outra realizou observações durante a aplicação; as duas restantes conduziram a atividade, explicando as instruções, auxiliando as crianças na localização das letras e na colagem, confeccionando crachás com os nomes e direcionando a execução.

A atividade consistiu na construção coletiva de um gráfico de barras horizontal a partir das letras dos primeiros nomes das crianças. Para sua realização, foram utilizados: papel madeira com dois eixos desenhados (vertical e horizontal), formando a base do gráfico; letras do alfabeto recortadas em pequenos papéis coloridos, organizadas em vinte e três potes (um para cada letra); crachás com os nomes das crianças, confeccionados previamente e complementados durante a aplicação; cola e pincéis.

O procedimento de aplicação seguiu a seguinte sequência: ao chegarem ao estande, as crianças recebiam um crachá com seu nome, em seguida, eram convidadas a localizar, nos potes organizados por letra, as letras correspondentes ao seu nome. Então, eram posicionadas diante do papel madeira e colavam as letras formando seu nome no gráfico, com auxílio das graduandas. Após a colagem, contavam as letras e eram estimuladas a comparar seu nome com os dos colegas já registrados, identificando quais tinham mais ou menos letras.

O planejamento inicial previa o atendimento de até cinco crianças por vez, com tempo estimado de dois a quatro minutos por criança. Na prática, devido ao formato de circuito do evento, houve momentos em que até treze crianças aguardavam simultaneamente no estande, o que exigiu a atuação conjunta de três integrantes da equipe no auxílio às crianças.

Os dados para análise foram produzidos a partir de três fontes: o planejamento inicial da atividade, que permitiu comparar o previsto com o realizado; os registros fotográficos feitos durante a aplicação; e o relatório reflexivo elaborado coletivamente pela equipe após a experiência, com base em um roteiro de observação previamente fornecido pela docente da disciplina. Esse roteiro contemplava aspectos relativos à gestão da atividade, à participação e aprendizagem das crianças e às lições aprendidas pela equipe.

A análise dos dados foi organizada em três eixos, correspondentes às dimensões do roteiro de observação: *gestão da atividade*, que abrange as adaptações e imprevistos

enfrentados; *participação das crianças*, que descreve o que foi observado em termos de engajamento e aprendizagem; e *aprendizagens das graduandas*, que sintetiza as reflexões sobre a experiência formativa.

O que aprendemos? Possibilidades do trabalho com a estatística na Educação Infantil

O primeiro aspecto a ser discutido diz respeito à *gestão da atividade*. A execução da atividade exigiu diversas adaptações em relação ao planejamento inicial, revelando a distância entre o que se prevê e o que efetivamente acontece no contexto real de ensino. Essa constatação constituiu uma das aprendizagens mais significativas para a equipe.

O primeiro ajuste referiu-se ao local de realização. A atividade estava prevista para ocorrer em um estande no pátio da escola, junto a outras sete atividades do circuito. No entanto, o sol dificultava a visibilidade das crianças e o vento dispersava as letras recortadas. Diante dessas condições, a equipe decidiu mudar a atividade para uma área mais reservada, o que resultou em maior concentração das crianças e melhor andamento da proposta.

O segundo ajuste envolveu a quantidade de crianças atendidas simultaneamente. O planejamento previa grupos de até cinco crianças, mas em diversos momentos havia de dez a treze crianças aguardando. Isso exigiu que três integrantes da equipe atuassem simultaneamente no auxílio, alterando a dinâmica prevista de condução individual.

O terceiro ajuste foi a não utilização dos palitos de picolé. No planejamento, cada criança deveria colocar um palito para cada letra de seu nome, como forma de materializar a contagem. Entretanto, dado o volume de crianças e a necessidade de agilizar o atendimento, esse recurso foi suprimido, mantendo-se apenas a contagem oral.

O quarto ajuste referiu-se à colagem das letras. Inicialmente, cada criança deveria colar suas próprias letras no gráfico. Na prática, para garantir o alinhamento adequado e evitar desperdício de material, as graduandas passaram a realizar a colagem, cabendo às crianças a seleção e a contagem das letras.

Esses ajustes evidenciam o que Giordano et al. (2025, p. 8) apontam sobre o trabalho com estatística na Educação Infantil:

> É fato que os estudantes já na fase de alfabetização constroem conhecimentos matemáticos a partir de suas vivências, representações e percepções que auxiliarão tanto no desenvolvimento dos diversos tipos de pensamento, inclusive do pensamento estatístico. A partir desse contexto, o professor pode explorar situações-problemas em cenários para investigação propiciando o trabalho colaborativo de estudantes distribuídos em grupos, mediados pelo professor regente da sala de aula.

A mediação das graduandas mostrou-se fundamental para viabilizar a participação de todas as crianças, ainda que isso tenha significado assumir parte das ações inicialmente previstas para elas. A experiência revelou que o planejamento docente precisa contemplar margens para adaptação, especialmente quando se trabalha com crianças pequenas em contextos coletivos.

Outro aspecto analisado durante a experiência foi a *participação das crianças*. As observações realizadas durante a aplicação da atividade permitiram identificar diferentes aspectos do engajamento e da aprendizagem das crianças. De modo geral, elas demonstraram curiosidade e motivação, aproximando-se com interesse para compreender a proposta.

Quanto ao reconhecimento das letras, a maioria das crianças, tanto do Infantil IV quanto do Infantil V, já conhecia as letras do alfabeto e conseguia identificar as que compunham seu nome. Esse conhecimento prévio facilitou a execução da atividade e confirmou o que as professoras da instituição relataram sobre o fato de o conteúdo já ser trabalhado em sala de aula. Algumas crianças, entretanto, necessitaram de auxílio para localizar determinadas letras, especialmente porque os potes não estavam organizados em ordem alfabética.

Em relação à contagem, as crianças demonstraram habilidade de contar as letras de seus nomes, embora algumas precisassem de apoio para não repetir a mesma letra na contagem ou para não pular alguma. A cronometragem realizada indicou que uma criança conseguiu realizar toda a atividade em dois minutos e trinta e quatro segundos, enquanto uma sessão com aproximadamente dez crianças levou cerca de quatorze minutos.

A comparação entre quantidades de letras foi o aspecto que mais diferenciou as turmas. As crianças do Infantil V conseguiam apontar, ao final da construção do gráfico, quem possuía o nome com mais letras e quem tinha o nome com menos letras. Quando questionadas sobre qual nome era maior ou menor que o seu, conseguiam responder com base na observação do gráfico. Já as crianças do Infantil IV necessitavam de mais perguntas auxiliares para chegar a essas conclusões.

Um aspecto observado foi que as crianças expressaram suas respostas predominantemente por meio de ações e gestos, mais do que por verbalizações elaboradas. Apontavam para os nomes, indicavam com os dedos, mostravam entusiasmo ao ver seu nome no gráfico. O resultado colorido da composição final gerou reações positivas, com as crianças demonstrando satisfação ao observar seus nomes representados.

Essas observações corroboram o que afirmam Ciríaco e Santos (2020) sobre a construção de conhecimentos matemáticos a partir das vivências das crianças. O nome próprio, por ser elemento significativo e familiar, funcionou como âncora para o trabalho com noções de coleta e comparação de dados. Conforme destacam os autores, o professor pode explorar situações-problema que permitam à criança adquirir novas experiências a partir de contextos que lhe são próximos.

Outra categoria de análise contemplada foram as aprendizagens das graduandas. A experiência de planejar, aplicar e refletir sobre a atividade Gráfico dos Nomes proporcionou aprendizagens significativas para a equipe, relacionadas tanto ao trabalho específico com educação estatística quanto à prática docente de modo mais amplo.

A primeira aprendizagem refere-se à complexidade de planejar atividades de matemática para a Educação Infantil. A equipe relatou dificuldade inicial em conceber uma proposta que trabalhasse noções estatísticas de forma adequada à faixa etária. A decisão de utilizar o nome próprio como elemento central mostrou-se acertada, pois permitiu articular um conteúdo matemático a algo significativo para as crianças, tornando a atividade mais acessível e engajadora.

A segunda aprendizagem diz respeito à necessidade de flexibilidade no planejamento. As múltiplas adaptações realizadas durante a aplicação evidenciaram que o plano de aula é um ponto de partida, não um roteiro rígido a ser seguido. Compreender que é normal a atividade não acontecer exatamente como foi planejada e saber fazer ajustes no momento da execução são competências fundamentais para o exercício da docência.

A terceira aprendizagem relaciona-se à influência do ambiente na concentração das crianças. A mudança de local, motivada por fatores climáticos e pelo excesso de ruído, resultou em melhora perceptível na atenção das crianças. Essa constatação reforça a importância de o professor considerar as condições do espaço físico ao planejar suas atividades, especialmente aquelas que exigem maior concentração.

A quarta aprendizagem envolve a percepção do tempo de cada criança. A cronometragem realizada durante a atividade permitiu observar a variação no ritmo de execução entre as crianças. Algumas completavam rapidamente as etapas, enquanto outras necessitavam de mais tempo para localizar as letras ou realizar a contagem. Respeitar esse tempo individual, mesmo em um contexto de atividade coletiva com muitas crianças aguardando, constitui desafio relevante para a prática docente.

A quinta aprendizagem refere-se à observação de como as crianças reagem a pessoas fora de seu cotidiano. As graduandas não eram figuras familiares para as crianças, o que poderia gerar estranhamento ou inibição. No entanto, a dinâmica lúdica da atividade e o interesse pelo próprio nome favoreceram a participação, indicando que propostas bem estruturadas podem superar a barreira da não familiaridade.

Essas aprendizagens dialogam com o que Souza e Lopes (2012) apontam sobre o desenvolvimento profissional docente como processo que envolve a aquisição de novos conhecimentos e habilidades. A experiência vivenciada pelas graduandas constituiu oportunidade de construir saberes práticos que complementam a formação teórica recebida na universidade.

Para futuras aplicações da atividade, a equipe identificou quatro pontos de melhoria: 1) organizar as letras em ordem alfabética, para facilitar a localização pelas crianças e otimizar o tempo; 2) posicionar os números apenas no eixo horizontal do gráfico, deixando a contagem das letras como tarefa da criança; 3) realizar a atividade em ambiente fechado, que favoreça a concentração e minimize interferências externas; 4) limitar o número de crianças atendidas simultaneamente para garantir atenção individualizada.

Conclusões

Este estudo teve como objetivo analisar a experiência de aplicação da atividade Gráfico dos Nomes, identificando o que as graduandas observaram nas crianças e o que aprenderam sobre a docência na Educação Infantil. A análise permite afirmar que o objetivo foi alcançado, na medida em que foi possível sistematizar tanto as observações sobre o engajamento e a aprendizagem das crianças quanto as reflexões sobre os desafios e as aprendizagens das futuras professoras.

Em relação às crianças, os resultados indicam que elas demonstraram interesse pela atividade, capacidade de reconhecer as letras de seus nomes, realizar contagem e, no caso do Infantil V, comparar quantidades de letras entre diferentes nomes. O uso do nome próprio como elemento central mostrou-se estratégia adequada para trabalhar noções iniciais de coleta, organização e interpretação de dados, confirmando a viabilidade do trabalho com educação estatística na Educação Infantil.

Em relação às graduandas, a experiência evidenciou aprendizagens fundamentais para

a formação docente como a complexidade do planejamento para a Educação Infantil, a necessidade de flexibilidade diante de imprevistos, a influência do ambiente na atenção das crianças, a importância de respeitar o tempo individual de cada uma e a possibilidade de estabelecer vínculo mesmo sem familiaridade prévia. Essas aprendizagens emergem da articulação entre teoria e prática que caracteriza experiências formativas como a relatada.

Reconhecem-se limitações do estudo, especialmente no que se refere à sistematização dos dados observacionais. A ausência de registros mais detalhados das falas e ações das crianças durante a atividade limitou a possibilidade de análise mais aprofundada de seus processos de raciocínio.

Considera-se que experiências como esta são fundamentais na formação inicial de professores, pois possibilitam a vivência de situações reais de ensino, o confronto entre planejamento e execução, e a reflexão sobre a própria prática. O trabalho com educação estatística na Educação Infantil, embora desafiador, revela-se possível e relevante quando ancorado em elementos significativos do cotidiano das crianças e conduzido com intencionalidade pedagógica.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.

CAZORLA, Irene Maurício; MAGINA, Sandra Maria Pinto; GITIRANA, Verônica; GUIMARÃES, Gilda Lisbôa. **Estatística para os anos iniciais do Ensino Fundamental**. Brasília: SBEM, 2017.

CIRÍACO, Klinger Teodoro; SANTOS, Cristiane Afonso de Lima dos. Em busca de sentidos à Educação Estatística na Educação Infantil: diálogos com uma pesquisadora. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 9, n. 8, e845986095, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6095. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5903. Acesso em: 16 fev. 2026.

GAL, Iddo. Adults' Statistical Literacy: meanings, components, responsibilities. **International Statistical Review**, The Netherlands, v. 70, n. 1, p. 1-51, 2002.

GIORDANO, Cassio Cristiano; KISTEMANN JUNIOR, Marco Aurélio; SILVA, Jorge Eduardo Said da; SILVA, Vinicius Quintiliano da. Precisamos de Educação Estatística na Educação Infantil? **Revemop**, Ouro Preto, v. 7, p. 1-16, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/revemop/article/view/7897. Acesso em: 16 fev. 2026.

LOPES, Celi Espasandin. O ensino da estatística e da probabilidade na educação básica e a formação dos professores. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 28, n. 74, p. 57-73, jan./abr. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/TBKFwVMdKnHkqnLfJGhYrBH/. Acesso em: 16 fev. 2026.

LOPES, Celi Espasandin. A educação estocástica na infância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 160-174, 2012. Disponível em: http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/396. Acesso em: 12 jan. 2026.

MARQUES, Cristina da Rosa. **O ensino exploratório da Matemática em Dados e Probabilidades**: desenvolver a literacia estatística com todas as crianças. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico) – Universidade de Évora, Évora, 2023. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/35475. Acesso em: 16 fev. 2026.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010. Acesso em: 30 mar. 2026.

SILVA, Marlene Maria Machado da. **Entre a letra e o nome**: alfabetização de alunos em situação de fracasso escolar a partir de intervenção de orientação psicanalítica. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, Antônio Carlos de; LOPES, Celi Espasandin. Combinando roupas e vestindo bonecos: ideias de combinatória no desenvolvimento profissional de uma educadora na infância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 148-159, 2012. Disponível em: http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/399. Acesso em: 16 fev. 2026.

SOUZA, Manuela Francisca de; GUIMARÃES, Gilda. “Esse combina com esse que não combina com aquele”: ensino e aprendizagem de classificação na educação infantil. **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 30, n. 87, p. 01-17, abr./jun. 2025. DOI: 10.37001/emr.v30i87.4375.